

**Exame Final Nacional de Literatura Portuguesa**  
**Prova 734 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2022**

11.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho | Decreto-Lei n.º 27-B/2022, de 23 de março

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

7 Páginas

---

A prova inclui 5 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 4 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

---

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

---

---

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

---

## GRUPO I

Leia o poema. Se necessário, consulte as notas.

Erros meus, má fortuna, amor ardente  
em minha perdição se conjuraram;  
os erros e a fortuna sobejaram,  
que para mim bastava o amor somente.

- 5 Tudo passei; mas tenho tão presente  
a grande dor das cousas que passaram,  
que as magoadas iras me ensinaram  
a não querer já nunca ser contente.

- 10 Errei todo o discurso de meus anos;  
dei causa [a] que a Fortuna castigasse  
as minhas mal fundadas esperanças.

De amor não vi senão breves enganos.  
Oh! quem tanto pudesse que fartasse  
este meu duro génio de vinganças!

Luís de Camões, *Rimas*, edição de Álvaro J. da Costa Pimpão,  
Coimbra, Almedina, 1994, p. 170.

### NOTAS

*se conjuraram* (verso 2) – conspiraram.

*discurso* (verso 9) – decurso; percurso.

- \* 1. Explícite de que modo os «erros», a «fortuna» e o «amor» contribuíram para a «perdição» do sujeito poético, tendo em conta a primeira estrofe.
  
2. Explique as relações estabelecidas, na segunda estrofe, entre o passado e o presente.
  
- \* 3. No primeiro terceto, o sujeito poético assume-se como responsável pelos infortúnios que sofreu. Justifique esta afirmação, referindo dois aspetos relevantes.
  
4. Interprete os dois versos finais do soneto.

## GRUPO II

Leia o excerto. Se necessário, consulte as notas.

Logo de manhã cedo, o empreiteiro circula pela obra, com o meio charuto entalado entre os dentes, a barba crescida, o chapéu amachucado para a nuca, as calças arregaçadas, e um ar de permanente inquietação. Chove a cântaros, e em volta da casa é um chavascal. Ele não para, escorrega e pula pesadamente na lama argilosa da cerca, tropeça nos materiais, destemperando em pragas que lhe saem de mistura com a saliva, negra do charuto mastigado. Anda de guarda-chuva aberto e veem-se-lhe as ceroulas de fitas de nastro. Aquela casa é o seu pesadelo. Pelas salas sem conta, os operários trabalham dispersos – canteiros, pedreiros, estucadores, carpinteiros, pintores, eletricitas, canalizadores...

– Estas janelas ainda estão sem aparelho! A chuva inundou este quarto! O guarda, ponho-o na rua se me torna a deixar as janelas abertas!

– Mas as janelas ainda não têm vidros...

– Pois já deviam ter! Que faz o vidraceiro, que ainda não apareceu?

Tudo lhe corre às avessas. Todos os dias há alterações no projeto, vistorias, ideias novas. A voz tonitruante anda por todas as salas, por todos os andares, como um ciclone. E o cuspo negro, do eterno meio charuto apagado. Por todos os cantos trabalham homens, ajoelhados, de cócoras, em pé, trepados em escadotes, perdidos ao rés do teto: em silêncio, obstinados, resignados, a apurar, a retocar, a embelezar a casa do rico, dum homem qualquer, que eles nem sabem quem seja. Nunca se ouve uma voz cantar.

Há uma velha que vem todos os dias: cómica, aos pulinhos por cima da lama e das poças, para não molhar os sapatos, que têm bem, o quê, dez anos de uso: ainda são do tempo do seu defunto. É a mãe dum pedreiro que ali trabalha. Chega todos os dias, mantilha preta de algodão, um casaquinho que foi preto alguns anos atrás e agora é cor de bronze, a saia passajada e remendada, um guarda-chuva, e o almoço quente num cesto. É como se o filho ainda andasse na escola. Não tem outro, não tem mais ninguém. De começo os camaradas ainda faziam chuchadeira do rapaz, riam-se à custa dele. Mas habituaram-se à velha e gostam dela.

Chega pontualmente antes do apito do meio-dia, às vezes molhadinha até aos ossos. Entra pelo portão de ferro da cerca, ainda cor de zarcão, e encosta-se à parede, por baixo da imensa marquise da sala onde os patrões hão de comer mais tarde. Compõe a mantilha, de onde lhe espreita sempre a farripa amarelada e teimosa, e espera modestamente, encostada à parede, encolhida, com o cesto ao lado, as mãos cruzadas no peito, segurando o guarda-chuva. O andaime protege-a do aguaceiro, e a parede abriga-a do sudoeste. Ali espera que o encarregado apite e o filho saia. Às vezes curva-se para o chão e apanha uma lasca de madeira, um punhado de aparas loiras: mas a medo, não a veja alguém, como se fossem palhetas de ouro.

O encarregado apita – sempre depois do meio-dia, até parece que tem o relógio atrasado àquela hora – e os homens saem em bicha pela escada de serviço, no bom tempo, ou ficam em grupos pelas salas, se chove. O rapaz afasta-se dos outros, e vem sentar-se ao pé da sua velha. Ela desdobra um lenço em cima duma tábuca ou duma pedra, para não macular a saia, e senta-se. Abre o cesto e comem os dois. Às vezes trocam palavras. O rapaz é de poucas falas. Ninguém sabe o que dizem um ao outro, aquela mãe viúva e o seu filho pedreiro.

José Rodrigues Miguéis, «O Acidente», *Onde a Noite se Acaba*, 7.ª ed., Lisboa, Estampa, 2000, pp. 192-194.

## NOTAS

*chavascal* (linha 3) – lugar desarrumado ou muito sujo.

*destemperando* (linha 5) – excedendo-se; perdendo a calma.

*ceroulas* (linha 6) – peça de roupa interior masculina, que se veste por baixo das calças.

*aparelho* (linha 9) – primeira camada de tinta ou de outro produto, que se aplica na superfície que se quer pintar.

*tonitruante* (linha 14) – muito ruidosa.

*ao rés* (linha 16) – rente a.

*mantilha* (linha 21) – pequeno manto para cobrir a cabeça e o busto.

*chuchadeira* (linha 25) – troça; zombaria.

*cor de zarcão* (linha 28) – cor de tijolo ou alaranjada, muito viva.

- \* 1. Caracterize o espaço em que se desenrola a ação, com base nas linhas 1 a 13.
- \* 2. Refira o valor expressivo da comparação presente na linha 14.
3. Explícite dois efeitos de sentido produzidos pela frase seguinte: «Nunca se ouve uma voz cantar.» (linha 18).
4. Observe a reprodução do quadro *O Almoço do Trolha\**, de Júlio Pomar.

Compare a personagem feminina descrita no texto com a figura feminina representada no quadro, salientando dois aspetos relevantes.



Júlio Pomar, *O Almoço do Trolha*, 1946-50, José-Augusto França, *100 Quadros Portugueses no Século XX*, Lisboa, Quetzal, 2001, p. 101.

\* *Trolha* – pedreiro ou servente de pedreiro.

### \* GRUPO III

Tendo em conta a sua experiência de leitura de uma das obras a seguir apresentadas, relacione o título dessa obra, ou o título de um dos textos que integram as obras *Lendas e Narrativas* ou *Novelas do Minho*, com o percurso da personagem indicada para o texto que selecionou.

- Alexandre Herculano
  - *Eurico, o Presbítero* – Eurico;
  - *Lendas e Narrativas* – a personagem principal de um dos textos que integram a obra.
- Camilo Castelo Branco
  - *A Queda dum Anjo* – Calisto Elói;
  - *Amor de Perdição* – Simão Botelho;
  - *Novelas do Minho* – a personagem principal de um dos textos narrativos que integram a obra.
- Eça de Queirós
  - *A Ilustre Casa de Ramires* – Gonçalo Mendes Ramires;
  - *O Primo Basílio* – Basílio;
  - *A Relíquia* – Teodorico Raposo;
  - *Os Maias* – Carlos da Maia.

Redija um texto de cento e cinquenta a duzentas e oitenta palavras.

Comece por indicar, na folha de respostas, o nome do autor e o título da obra por si selecionada. No caso das obras *Lendas e Narrativas* e *Novelas do Minho*, deve, igualmente, indicar o título do texto por si escolhido.

#### Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2022/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até cinco pontos) do texto produzido.

**FIM**

## COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 5 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	Grupo					Subtotal
	I 1.	I 3.	II 1.	II 2.	III	
Cotação (em pontos)	25	25	25	25	25	<b>125</b>
Destes 4 itens, contribuem para a classificação final da prova os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	Grupo					Subtotal
	I 2.	I 4.	II 3.	II 4.		
Cotação (em pontos)	3 x 25 pontos					<b>75</b>
<b>TOTAL</b>						<b>200</b>

# **Prova 734**

1.<sup>a</sup> Fase